

JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO

# Fernando Pessoa

**uma quase-autobiografia**

a mais completa reconstituição da vida de Pessoa:  
as angústias, os amores, os heterónimos e a  
genialidade do maior poeta da língua portuguesa

# **ATO I**

**Em que se conta dos seus  
primeiros passos e caminhos**



*Quomodo fabula, sic vita; non quam diu,  
sed quam bene acta sit, refert*

(A vida é como uma fábula; não importa quanto seja longa,  
mas que seja bem narrada. Séneca)

## O paraíso perdido

*“Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,  
Não há nada mais simples  
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.”*

“Poemas inconjuntos”, Alberto Caeiro

### Nascimento

“Um raio hoje deslumbrou-se de lucidez. Nasci.” Então, “como se uma janela se abrisse, o dia já raiado raiou”. É quarta-feira, 13 de junho de 1888. O amplo apartamento, no 4.º andar esquerdo, exhibe luxo burguês – incompatível com os poucos recursos da família que o habita. Em lugar das janelas dos apartamentos inferiores, este tem portas protegidas por pequenos balcões de ferro. De duas delas vê-se o Tejo “sobre umas casas baixas”. A entrada em pórtico envernizado e uma escadaria larga com corrimão de ferro dão ares aristocráticos ao edifício – número 4 *de polícia*, assim se diz ainda hoje. Fica no Largo de São Carlos, bem em frente ao Real Teatro de São Carlos – o mais rico e elegante de Lisboa. Convidados festejam na “sala de jantar apenumbreada”, por entre móveis escuros, aparadores, marquesões, “cadeiras de braços, repositores, tapetes”, cristaleira com louças da China e um “relógio sonolento” que decora o “papel velho das paredes”.

São *três horas e vinte minutos da tarde*, segundo a sua certidão de nascimento.<sup>1</sup> Mas o horário real talvez seja outro. Numa carta em inglês, ao editor do *British Journal of Astrology* (8/2/1918), diz: “A data do nascimento é bastante aproximada, fornecida como sendo às 15h20 com indicação, a título de reserva, da observação *por volta*. Alguns meses atrás, entretanto, lendo o

<sup>1</sup> De 21 de julho de 1888, número 20, na igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires. Assim se deu porque, desde o Concílio de Trento, esses registos eram feitos apenas em paróquias, passando a ser feitos nas conservatórias do governo só depois da República (1910).



Casa onde nasceu Pessoa

*Manual de Serpharial* [*The New Manual of Astrology*], tentei aplicar os princípios que ali constavam para obter o dado real da época. Este número refletiu, corretamente ou não, 15h12 como a hora certa do nascimento.<sup>2</sup> Uma investigação junto da família – muito difícil para uma contagem em pontos de minutos tão pequena – resulta na convicção de que o nascimento teria sido pouco antes das 15h15, trazendo a marcação da época para uma probabilidade próxima. Estou desatualizado com os últimos progressos da teoria de marcação da época e deixo-lhes o encargo da retificação final.” O astrólogo português Paulo Cardoso, comparando o cálculo da Progressão do Sol (com a sua chegada ao chamado Meio do Céu do horóscopo) com os dados da sua vida, disse-me estar seguro de ter ele nascido às 3h22 da tarde. Dois minutos a mais que a hora oficial, portanto.

---

<sup>2</sup> Em comunicação mediúcnica de pouco antes (1916), o heterónimo Henry More já indicava ter sido “at 3h12 p.m.” (às 3h12 da tarde).

Sei ter o pasmo essencial<sup>3</sup>  
Que teria uma criança se, ao nascer,<sup>4</sup>  
Reparasse que nascera, deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...<sup>5</sup>

“O guardador de rebanhos”, Alberto Caeiro

De lá se tem uma vista bem ampla da cidade. “A casaria de Lisboa vai abaixo em degraus e para à beira da minha emoção, e a minha emoção chama-se o Tejo.” O Largo de São Carlos é só teatro, de um lado; e edifício, do outro. No rés do chão desse edifício, abriu a loja Marc Jacobs, com um painel sobre Pessoa (de Alexandre Paulo), e, nos demais andares, uma sociedade de advogados. Em frente, uma estátua de Pessoa em bronze (do escultor belga Jean-Michel Folon) e quatro árvores, antes arrancadas, que foram repostas. Quadrado em declive (mais baixo no teatro), e com uma fonte ao centro, contei 35 passos grandes nos dois sentidos do Largo. À direita de quem está no edifício fica a Rua Paiva de Andrada, pouco mais alta, a que se chega por uma pequena escadaria; à esquerda, no lado em que se vê o rio, dá para a Serpa Pinto. Construções baixas ficam entre essa rua e a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires; tão próxima do seu quarto que o pequeno Fernando pode ouvir as cantilenas de Natal, ainda hoje entoadas pelos fiéis:

Pastorinhas do deserto  
Ó meu Menino Jesus  
Do varão nasceu a vara  
A Lua vai tanto alta

Pela noite de Natal  
Olé, rapazes pimpões  
Deus lhes dê cá boas-noites  
Moradores desta casa

Essas casas são mui altas  
Ó da casa, cavalheira

<sup>3</sup> Numa primeira versão, “Sei ter o pasmo *comigo*”.

<sup>4</sup> Teresa Rita Lopes, a partir de leitura nos originais, indica ser essa a redação correta – com *teria* em vez de *tem* que se vê em todas as publicações do poema (a partir da edição da Ática, de 1946).

<sup>5</sup> Numa primeira versão, sucessivamente, escreve e risca “Para a *serena, futura, súbita, grande, completa*” – até, finalmente, “eterna novidade do Mundo”.

Partidos são de Oriente  
Ai, acabadas são as Festas.<sup>6</sup>

Naquele “dia lento e suave” de Santo António, o carrilhão da igreja toca mais vezes que de costume, com o som dos sinos misturando-se com os “ruídos da cidade”. Ao longo da “rua parada” e “cheia de sol vago”, aguadeiros, “sons alegres”, “a gargalhada do andar alto”, “risos e ditos de carregadores pondo caixotes nas carroças” ou pelo chão, “gritos de vendedores de hortaliça”, capilé (xarope), perus e “um bulício que não quer dizer nada”. Famílias andam aos bandos, “com passos mais rápidos que apressados, pela claridade limpa do dia que se velara”. Nas calçadas “movimentadas de bichos humanos”, “um leiteiro a conversar com a criada gorda”, “garotos que dançam a brincar”, “rapazes com pressa de prazer”, “casais futuros, pares de costureiras”, saltimbancos, “um homem velho e mesquinho, a alegria dos banais falando a sorrir”, “gente normal” que “surge de vez em quando”, homens que são inocentes sem saber e homens que sabem ser culpados, embora não se importem muito com isso. Nas janelas, “roupas ao sol” e pequenos jarros de flores com lírios, cravos, manjeriões de folhas miúdas e alfavacas de folhas maiores.

Flores de junho  
Dure em vós o pensamento  
Sois apenas um momento  
Esperando ser terminado.

Sem título (27/3/1909), Fernando Pessoa

Sentados em cadeiras nas portas das casas, como se nada houvesse de mais importante, vizinhos conversam animadamente. No campo das artes, o assunto daquele fim de primavera não é mais a ópera, que a temporada lírica do São Carlos findara em abril. Agora só se fala no suicídio da cantora lírica Bastia, prima-dona que tanto sucesso fez nesse teatro, pelo desconforto de ter engordado e não mais poder representar papéis destinados só às enxutas de carne; ou no lançamento do novo romance daquele que é “o exemplo mais flagrante do provincianismo português”, (José Maria d’) Eça de Queirós (1845-1900). Trata-se de *Os Maias*, para Casais Monteiro *o romance da inutilidade da vida*, em

<sup>6</sup> Segundo um folheto distribuído nas missas, “Primeira cantata de Natal”, do compositor Fernando Lopes-Graça (1906-1994). O mesmo que por coincidência publicou, no número 48 da revista *Presença* (julho de 1936), *Uma canção de Fernando Pessoa musicada por Fernando Lopes-Graça* – em que essa canção era na verdade um poema (sem título, de 15 de janeiro de 1912) que começa pelos versos *Põe-me as mãos nos ombros.../ Beija-me na fonte.../ Minha vida é escombros*.



*Antoninho, arranje-me lá um maridinho.* No dia seguinte o *Correio da Noite* (de Lisboa) noticia o seu nascimento, na primeira página, na secção *Crónica elegante*.

## A aldeia de Pessoa

“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo.” Essa aldeia é Lisboa, claro. Mas não propriamente Lisboa, pois, com 7 anos, Pessoa vai para África e só volta com 17, já quase homem feito (para os padrões de então), “estrangeiro aqui como em toda parte”. Estuda com a mãe, porque, naquela época, as crianças não iam à escola antes dos 7 ou 8 anos. E brinca nos arredores do edifício. O seu horizonte é pequeno e perto. O mundo que conhece é só aquele espaço que tem à mão. “A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos” – confessa em carta a João Gaspar Simões (11/12/1931). *Ah, sim! Ele afirmava isso tantas vezes, e dizia também que a aldeia em que nascera era o Largo de São Carlos* – segundo Teca, a irmã Henriqueta Madalena. O jornalista e escritor Luís de Oliveira Guimarães confirma: *Quando o conheci perguntei “onde é que você nasceu?”.* “Nasci numa aldeia que tem um teatro de ópera”, disse-me. “É uma aldeia que se chama São Carlos.” Seria a sua primeira pátria, dolorosamente abandonada. “Amo esses largos solitários, intercalados entre ruas de pouco trânsito.” De lá “se pode pensar no infinito. Um infinito com armazéns em baixo, é certo, mas com estrelas ao fim”. A imagem de um largo assim, com jeito de “clareira de aldeia”, permanecerá na criança eternamente.

Ó sino da minha aldeia,  
Dolente na tarde calma,<sup>8</sup>  
Cada tua badalada  
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,  
Tão como triste da vida,<sup>9</sup>  
Que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto  
Quando passo, sempre errante,<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Numa primeira versão, “*Já lenta* na tarde calma”.

<sup>9</sup> Para comentadores de Pessoa haveria, nesse verso, uma elipse da palavra *lento*, referida no verso anterior; o sentido seria, pois, *tão lento como triste da vida*.

<sup>10</sup> Numa primeira versão, “Não me soas como a um monge”; e, depois, “Quando passo *triste e errante*”.

És para mim como um sonho.  
Soas-me na alma distante.<sup>11</sup>

A cada pancada tua,  
Vibrante no céu aberto,  
Sinto mais longe o passado,  
Sinto a saudade mais perto.

Sem título (1911),<sup>12</sup> Fernando Pessoa

Esse sino fica longe das cidadezinhas do interior em que sonha findar seus dias. “O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado” (carta de 11/12/1931). Das janelas laterais do apartamento vê-se o seu campanário – dois sinos superpostos num lado, outro maior, em cima quatro pinhas; no alto, pequeno globo terrestre, palma e cruz de ferro negra; mais um sino pequenino de lado, afastado dos outros. Apenas uma rua estreita, a Serpa Pinto, o separa da “alcova velha da minha infância perdida”. Nesse tempo, em seu quarto, quase sente os sinos fisicamente; até quando ficam só lembranças, “soas-me na alma distante”.

Toquem sinos – toquem claramente  
Talvez o vago sentimento que acordem  
Não sei por quê – lembre a minha infância  
Toquem sinos, toquem! A sua alma é uma lágrima.  
O que importa? A alegria da minha infância  
Vocês não me podem devolver.

“The bells” (Os sinos), Alexander Search

Apesar de não ser religiosa a mãe, nessa igreja é batizado (em 21/7/1888), pelo monsenhor António Ribeiro dos Santos Veiga. Padrinhos são tia Anica, Ana Luísa Xavier Pinheiro Nogueira (casada com o agrónomo João Nogueira de Freitas), única irmã da mãe de Pessoa – que o restante irmão, António Xavier Pinheiro Nogueira, morreu solteiro (em 1883) com apenas 19 anos; e um aparentado, o general do Exército Cláudio Bernardo Pereira de Chaby – que batalhou na Patuleia, foi membro da Academia de Ciências de Lisboa e era tio do grande ator Chaby Pinheiro, o mais gordo da história de Portugal.

<sup>11</sup> Numa primeira versão, “Soas-me *sempre* distante”.

<sup>12</sup> O poema, a que Pessoa por vezes se refere como “O aldeão”, tem uma primeira versão de 8 de abril de 1911. A versão definitiva foi publicada em 1914, na revista *Renascença*.

Ao prior da igreja Pessoa escreve depois, protestando por se dar tão cedo; que “o batismo subentende, segundo penso, a integração da vítima na Igreja Católica”. Provavelmente por se sentir constrangido – dada a sua ascendência paterna, que é judia. No diário, em anotação de 26 de maio de 1906, diz “comecei a carta”. Minuta de 1907, que tem o prior como destinatário, figura em relação de *cartas enviadas ou a enviar* com carimbo do heterónimo C.R. Anon. Mais tarde, ainda confessaria ter nascido num tempo “em que a maioria dos jovens havia perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os maiores a haviam tido sem saber por quê”. E do catolicismo não voltaria a aproximar-se; embora sentisse o Cristo bem perto, no fim da vida, como se vê neste poema em honra ao Homem na cruz:

O Rei fala, e um gesto seu tudo preenche,  
O som de sua voz tudo transmuda.  
Meu Rei morto tem mais que majestade:  
Fala a Verdade nessa boca muda;  
Suas mãos presas são a Liberdade.

Sem título (1935), Fernando Pessoa

## Portugal

O país, com 5 milhões e meio de habitantes, exhibe uma dívida externa que passa dos 20 mil contos de réis. A economia é um caos. Apesar da penúria dos cofres públicos, são adquiridos pelo governo os manuscritos da Casa Pombal – mesmo neles não estando os documentos que se referem à guerra aos jesuítas, desde 3 de setembro de 1759 expulsos do país. O ministro Joaquim Augusto de Aguiar, por decreto de 19 de dezembro de 1834, extinguiu todas as ordens religiosas – passando, por isso, a ser conhecido como o *Mata-grades*. Agora, na crise moral em que mergulhou o país, assiste-se a nova invasão da Companhia de Jesus. Mas o ódio a jesuítas e freiras é ainda forte, e uma campanha nacional tenta impedir a volta das irmãs hospitaleiras ao país. Em 1888, por toda parte, os reis correm perigo. A Alemanha perdeu os seus dois imperadores. O do Brasil está doente. Humberto de Itália padece gravemente. E Leão XIII, em breve, afinal conhecerá o Deus com quem sempre sonhou. Apenas uns poucos não se dão conta de que a cor vermelha, da República, já mancha o azul e o branco da bandeira dessa monarquia agonizante em Portugal. Naquele ano, a família real viaja até Marselha, escapando ao forte calor do verão. A rainha